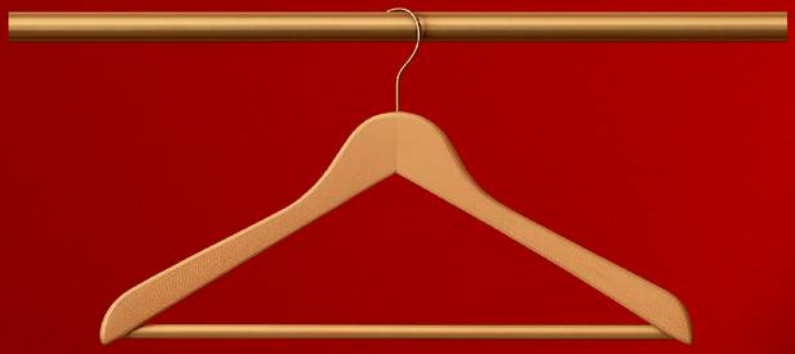
La Comédiathèque



O Roupão

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: https://comediatheque.net

O Roupão

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Alex e Clara, respetivamente empregado de banco e enfermeira, levam uma vida tranquila no seu apartamento dos arredores de Paris. Até que um dia Alex decide dar-se um capricho com os 400 euros que ganhou na lotaria: um magnífico... roupão.

Já ouviste falar alguma vez do «síndrome de Diderot»? Pode ser devastador...

Personagens
Alex
Clara

© La Comédiathèque

Cena 1

A sala de estar de um apartamento modesto, mobilada principalmente com duas poltronas de aspeto muito humilde. Clara entra com uns sacos das compras de cores berrantes de um supermercado de desconto. É uma mulher de classe média, que regressa a casa cansada depois de um dia de trabalho. Toca o telemóvel. Livra-se dos sacos e atende com um gesto extenuado.

Clara – Estou...? *(Suaviza-se ao reconhecer a voz da sua interlocutora)* Ah, Jessica! Não, não, acabei de chegar. *(Tira o impermeável e deixa-se cair numa poltrona)* E então...? *(O seu rosto fica gelado)* Não...? A Lola? Fogo... Lamento imenso... E quando é que aconteceu...? Está bem... Está bem... Fogo... Não sei o que dizer... Dezassete anos...? E de que é que morreu...? De velhice...? Claro, dezassete anos já são muitos, não é? Para uma cadela. Espera, vou ver no ChatGPT... Dezassete anos para uma cadela equivalem a noventa e um anos para uma mulher. Não, claro, não é como se fosse a tua mãe... Ou a tua sogra... Sim, eu também, para dizer a verdade, preferia, mas pronto... No fim, uma acaba por se afeiçoar. Pois olha, eu, bem... Enfim... No hospital, cada vez pior, já sabes. Com os cortes de pessoal, agora uma enfermeira tem de fazer também o trabalho de uma empregada de limpeza. Corremos o dia todo, já não temos tempo para conversar com os doentes. Não, a sério, às vezes pergunto-me se não seria melhor ir trabalhar para o privado. Para uma clínica de cirurgia estética, por exemplo, porque não? De certeza que me pagariam melhor. E dar-me-iam mais valor. E numa clínica privada... se me deitar com o cirurgião, ainda me arranja o nariz de graça. Que porquê o nariz? Não sei, disse só por dizer. Nunca gostei do meu nariz. Não, porque no público, juro-te... Mesmo que te deites com o diretor, não tenho a certeza de que te tirem as amígdalas de graça. Enfim... Também não foi por isso que escolhi esta profissão. Quando comecei, pensava que podia ser útil, sabes...? Salvar vidas. Como nas séries americanas que via na televisão. E no fim, passo o tempo a esvaziar arrastadeiras e a mudar lençóis... Não, diz-se uma vida de cão, mas... Não estão assim tão mal, os cães. Somos nós que trabalhamos para lhes pagar as rações, e ainda por cima apanhamos as cagadelas deles! Ai, juro-te... E além disso a vantagem de uma vida de cão é que dura menos. Não, acredita, ela está melhor onde está, a pobre... *(Ouve-se a campainha da porta de entrada)* Vou ter de te deixar. É o Alex. Esqueceu-se outra vez das chaves. E tenho de pôr os congelados no congelador. No autocarro pensei que tinha rebentado as águas. Os gelados estavam a derreter-se-me nos joelhos... Não, não estou grávida, porquê? Bom, ligo-te mais tarde... Está bem... Eu também, um beijo... E dá cumprimentos ao Kevin da minha parte...

Guarda o telemóvel e vai abrir a porta. Regressa acompanhada de Alex, de aspeto muito corrente, mas com ar algo distraído.

Alex – Desculpa, deixei as chaves na gaveta da minha secretária na agência.

Clara – Como sempre...

De repente parece exaltado.

Alex – Sim, mas desta vez tenho uma boa razão.

Clara – Uma boa razão para te esqueceres das tuas chaves?

Alex – Uma boa razão para estar distraído! Adivinha o quê?

Clara – O quê?

Agita um bilhete da lotaria.

Alex – Os meus números da lotaria! Saíram!

Clara – Os teus números da lotaria?

Alex – Bem, não todos, mas...

De repente, ela também se entusiasma.

Clara – Então ganhámos o prémio grande? Somos multimilionários?

Ele modera o seu entusiasmo para não lhe dar falsas esperanças.

Alex – Não exatamente... Só tenho quatro números, mas enfim...

Clara – Quanto?

Alex – 400 euros.

Ela mostra-se obviamente dececionada.

Clara – Pois... Já imaginava...

Alex – São 400 euros, de qualquer maneira. Não ficas contente?

Clara – Sim, sim, claro, é só que... Se me tivesses dito diretamente: amor, ganhei 400 euros na lotaria... Mas ao ouvir-te, já me via a mudar de vida. Deixar de trabalhar, comprar um bilhete de avião para qualquer lado, mas o mais longe possível, comprar uma vivenda com piscina junto ao mar...

Alex – Quando se vive junto ao mar, não é preciso piscina, pois não...?

Clara – Suponho que é isso que chamam luxo. Ter coisas de que, na verdade, não se precisa. De qualquer modo, nós não vivemos junto ao mar, e também não temos piscina... E a isso é que chamam uma vida de merda...

Alex – Com 400 euros, ao menos podemos dar-nos um pequeno capricho...

Clara – Sim... Sempre podemos comprar um passe de entradas para a piscina municipal. Ou até um passe anual para duas pessoas.

Alex – Desculpa, pensei que te faria feliz.

Clara – Claro que me faz feliz! Desculpa-me. Tenho andado um bocado nervosa ultimamente... E além disso, a Jessica acabou de me dizer que perdeu a cadela.

Alex – Se calhar encontra-a.

Clara – Duvido, está morta...

Alex – A Jessica? Morreu?

Clara – A Lola, a cadela da Jessica, é ela que morreu!

Alex – Fogo! E de que é que morreu? *(Clara dispõe-se a responder, mas ele interrompe-a)* Espera, não sei porque é que pergunto, é-me indiferente. Sobretudo hoje, com estes 400 euros que nos caem do céu...

Clara – E então? O que vais fazer com essa fortuna?

Alex – Não sei bem, precisamente...

Clara – Pois sim... 400 euros... Nem dá para arranjar o nariz.

Alex – Não gostas do meu nariz? Nunca me tinhas dito...

Clara – Falava do meu...

Alex – O teu nariz está ótimo. A tua mãe tem exatamente igual.

Clara – Pois, precisamente.

Alex – Que sei eu... Usa decotes mais vezes. Como a tua mãe...

Clara – E o que é que isso tem a ver com o meu nariz?

Alex – Nada, mas as pessoas vão olhar menos para o teu nariz. Os homens, pelo menos.

Clara – Obrigada... Nunca me tinha ocorrido.

Alex – É verdade que 400 euros... não chegam para fazer uma compra realmente útil. E também não chegam para uma loucura...

Clara – Podíamos ir a um grande restaurante com quatro estrelas Michelin.

Alex – Acho que o máximo de estrelas, no Michelin, são três.

Clara – Pois que sejam três.

Alex – Com 400 euros, achas?

Clara – Digamos uma, então.

Alex – Sim, mas depois não nos sobra nada.

Clara – Ir pelo menos uma vez na vida jantar a um restaurante gastronómico, seria uma recordação.

Alex – Pois...

Clara – De certeza que nesse tipo de restaurantes se cruza com gente que sim ganhou a lotaria...

Alex – Ou então ponho-os no meu caderno de poupança.

Clara – Ah, sim, aí estamos longe de fazer uma loucura, efetivamente. Não é por acaso que trabalhas num banco.

Alex – À taxa de juro atual... *(Tira uma calculadora)* Daqui a... 694 anos teremos 500.000 euros e poderemos comprar uma casa.

Clara – Ou então vamos ao casino e apostamos tudo no zero.

Alex – 35 vezes a aposta. *(Carrega de novo na calculadora)* Isso dá 14.000 euros.

Clara – Ou nada de nada, se por azar o zero não sair logo à primeira.

Alex – Tens razão, mais vale gastá-los. Vou pensar nisso.

Clara – Isso, pensa... Entretanto, vou meter o que resta dos gelados no congelador.

Alex – Compraste gelados?

Clara – Não sei em que estava a pensar. Uma loucura. Apetecia-me chupar algo que me desse mesmo prazer.

Ele parece um pouco excitado com a ideia.

Alex – Genial... Podíamos fazê-lo juntos...

Clara – Infelizmente, já não. Derreteram-se no meu saco...

Negro.

Cena 2

Alex chega com uns sacos de compras das Galerias Lafayette. Atravessa o palco para deixar os sacos do outro lado, que supostamente é a entrada do quarto. Regressa e tira o casaco, com ar satisfeito. Ouve-se o atendedor de chamadas.

Voz off – Olá Alex, sou o Kevin. Ligo-te por causa do churrasco de sábado. Era para vos dizer que... Se pudessem chegar mais para as 20 horas, dava-nos mais jeito. A Jessica sai da cabeleireira às 18, não vai estar em casa antes das 19, e eu tenho de ir buscar o carro à oficina ao sair do trabalho, antes de passar pelo supermercado para comprar as salsichas. Portanto, entre pôr o churrasco a funcionar... Enfim... Trazem a sobremesa, como sempre? Bom, então até sábado.

Alex não parece particularmente entusiasmado com o convite. Entra Clara. Ele recupera o sorriso.

Alex – Boa tarde, amor, tiveste um bom dia?

Clara – Um inferno... Já te disse que a Lola estava de baixa por doença?

Alex – Sabia que agora havia seguros de saúde para cães, mas não que podiam meter baixa médica... E além disso, pensava que estava morta.

Clara – A Lola, a minha colega de trabalho!

Alex – Ah, sim... A Lola... Também, que ideia dar nomes de mulheres às cadelas. Ou ao contrário... Lola, mas enfim... Consegues imaginar se eu me chamasse Rocky ou Snoopy?

Clara – Um burnout, como se diz agora. Antes chamavam-lhe depressão nervosa, mas parece que burnout soa mais moderno. Enfim, como não a vão substituir, tenho de fazer todo o trabalho dela além do meu. Juro-te que a este ritmo também vou acabar com um burnout. Mas tu pareces bem. Voltaste a ganhar na lotaria?

Alex – Não, mas encontrei em que gastar o meu prémio anterior.

Clara – Genial! A sério que precisava de uma boa notícia para me animar depois deste dia de merda. E então...?

Alex – Surpresa!

Clara – Adoro surpresas...

Alex – Já volto...

Clara tira o impermeável e senta-se, com um sorriso divertido. Alex regressa... com um roupão vermelho vestido por cima da roupa.

Alex – E aqui está!

Clara fica um momento atónita.

Clara – Aqui está o quê?

Alex – Aqui está...

Clara – E onde está a surpresa, para além desse ridículo roupão de banho? Vamos a um spa, ou quê?

Alex – Não é um roupão de banho, é um roupão de veludo.

Clara – E...?

Alex – Pois essa é a surpresa.

Clara – Um roupão?

Alex – Um roupão. Sim.

Clara – Mas um roupão... para ti ou para mim?

Alex – Para mim.

Clara – Isto é uma brincadeira, não é?

Alex – Não, porquê?

Clara – Um roupão? Um roupão vermelho?

Alex – E porque não?

Clara – Mas vamos lá ver... hoje em dia já ninguém usa roupão. E muito menos um roupão vermelho.

Alex – Não sabia o que comprar. Decidi dar-me um capricho, algo bonito.

Clara – Algo bonito?

Alex – Pensei que te faria feliz.

Clara – Que te compres, para ti, semelhante horror. Parece feito com as cortinas de um castelo medieval, esse roupão.

Alex – A mim parece-me muito elegante.

Clara – Mas onde é que encontraste isso?

Alex – Nas Galerias Lafayette.

Clara – Foste às Galerias Lafayette e disseste-lhes que querias um roupão vermelho?

Alex – Não foi exatamente assim. Queria dar-me um capricho com algo original. Algo com classe. E a vendedora propôs-me isto.

Clara – Não, homem, ela riu-se-te na cara. Esse monstrengo devia estar há anos a ganhar pó no armazém desde o século passado, e encontraram um pateta a quem o impingir. Aposto que a vendedora vai receber uma comissão por se ter conseguido livrar a loja de semelhante traste absolutamente invendável. Achaste-lhe piada, não foi?

Alex – Era uma senhora gorda, perto da reforma.

Clara – Agora percebo. Na juventude dela, esse tipo de estilo ainda estaria na moda. Mas tira-me uma dúvida, Alex. Quanto é que tinhas ganho na lotaria, afinal?

Alex – 400 euros.

Clara – E quanto é que te custou esse roupão?

Alex – Custava 550 euros, mas a vendedora aceitou deixá-la por 400.

Clara – 400 euros por um roupão! Isso é um roubo!

Alex – É de marca... Lamento que não gostes. Já tínhamos falado disso. Não sabia o que comprar. Decidi dar-me um gosto, algo que me fizesse feliz. Como tu com os gelados...

Clara – Os gelados? Estavam em promoção, os gelados! Custaram-me 3 euros e 99 cêntimos!

Alex – Tudo isso para os deixares derreter na tua mala...

Clara – Guardaste o talão de compra?

Alex – Sim.

Clara – Dá-mo, vou devolver este roupão. E a vendedora vai ouvir-me.

Alex – Devolver o meu roupão? Nem pensar!

Clara – Mas enfim, Alex, podias ter comprado qualquer outra coisa com esses 400 euros. Sem falar de me ofereceres algo a mim, claro. Porque é que um roupão?

Alex – Não sei. Queria... algo que não servisse para nada, por uma vez. Algo que a mais ninguém lhe passaria pela cabeça comprar.

Clara – Nesse ponto acertaste. Mas sei lá, podias ter comprado... um quadro, por exemplo. Tê-lo-íamos pendurado na parede.

Alex – Um quadro? Por 400 euros?

Clara – A um jovem artista. Ao menos poderíamos esperar que valorizasse.

Alex – E onde é que o teríamos pendurado, esse quadro? Francamente, Clara, neste apartamento ranhoso, uma obra de arte ficaria ridícula, não achas?

Clara – Este apartamento ranhoso?

Alex – Nunca pintámos as paredes!

Clara – E de quem é a culpa?

Alex – De onde é que queres que tiremos dinheiro para pintar as paredes?

Clara – Ganhando 400 euros na lotaria, por exemplo. Mas vamos lá ver, Alex... Conheces alguém que use bata, tu?

Alex – O Sacha Guitry levava muito bem a bata.

Clara – Sacha Guitry? Quem é esse? Conheço-o?

Alex – É um autor de teatro. Foi muito famoso no período do Entre-Guerras.

Clara – O Entre-Guerras? Mas isso foi há um século! Aliás, como é que tu conheces o Sacha Guitry? Nós nunca vamos ao teatro...

Alex – Foi a vendedora que me disse que o Sacha Guitry usava quase o mesmo.

Clara – Quase o mesmo...

Alex – Em qualquer caso, comprei este roupão, eu gosto dele, e não o vou devolver!

Faz uma saída teatral. Ela fica um instante imóvel, depois tira o telemóvel e marca um número.

Clara – Jessica? Nunca vais adivinhar o que me aconteceu...

Negro.

Cena 3

Alex, ainda envolto no seu roupão, está de pé no meio do palco, aparentemente muito satisfeito consigo próprio. Dá alguns passos, depois senta-se numa das poltronas com um gesto muito teatral. Cruza as pernas e pousa as mãos bem espalmadas sobre os dois braços da poltrona. Entra Clara.

Clara – Já estás de roupão...?

Alex – Incomoda-te?

Clara – Vou tentar habituar-me. Não prometo nada...

Alex – Um roupão não é um pijama. É uma peça de estar em casa, pode usar-se o dia todo.

Clara – O dia todo?

Alex – Só em casa, claro. Não para sair, evidentemente.

Clara – Deixas-me mais tranquila... Mas quando dizes em casa... queres dizer quando não está cá ninguém, não é?

Alex – O Sacha Guitry recebia de bom grado os amigos em roupão.

Clara – Outra vez o Sacha Guitry! É uma obsessão...

Alex – O Jean Cocteau ou o Sigmund Freud também usavam muito bem o roupão. Naquela época era um sinal de elegância descontraída.

Clara – Onde é que foste buscar isso?

Alex – Ao ChatGPT... O roupão era o distintivo dos grandes burgueses e dos intelectuais. As maiores obras da literatura foram escritas por homens de roupão!

Clara – A minha avó usava um roupão velho e acredita, nunca escreveu nada na vida.

Alex – Pode ser, mas eu, quando visto este magnífico roupão, tenho a sensação de ser outro homem. Não sei porquê... Inspira-me...

Clara – Não me digas que também decidiste começar a escrever... pois não?

Alex – E porque não?

Clara – Pois sim, porque não...?

Alex – Entretanto, também comprei uma caneta de aparo.

Tira do bolso do roupão uma caneta de tinta permanente.

Clara – Uma caneta...? Queres dizer...?

Alex – Uma caneta de tinta permanente, sim. Uma Montblanc.

Clara – Uma Montblanc? E isso o que é?

Alex – É a marca de canetas mais prestigiada! Dizem que o Ernest Hemingway escrevia com uma caneta destas. Aliás, este modelo leva o nome dele. Nunca ouviste falar das canetas Montblanc?

Clara – Não. E porque é que compraste uma caneta? Quero dizer... uma caneta de luxo?

Alex – Para combinar com o roupão!

Clara – Está bem... E o que pensas escrever com isso?

Alex – Não sei... Também a posso usar no banco para preencher remessas de cheques.

Clara – Não me digas que pensas ir trabalhar de roupão...

Alex – Mas não, mulher! Estou a dizer-te que o roupão é uma peça de interior!

Clara – Estás a preocupar-me, Alex...

Alex – Na verdade, pergunto-me se não devia comprar também uma secretária.

Clara – Uma secretária? Bem, e porque não...? Podemos ir ao IKEA no sábado, se quiseres.

Alex – IKEA? Estás a brincar! Não, quero dizer uma secretária de estilo.

Clara – Já percebi... Para combinar com o roupão e a caneta...

Mostra-lhe o ecrã do telemóvel.

Alex – Olha. Encontrei esta no site de um antiquário.

Clara – Quanto?

Alex – Mais cara do que a caneta, sem dúvida. O anúncio diz que esta secretária poderia ter pertencido ao avô do Marcel Proust.

Clara – Poderia ter pertencido...? E imagino que é essa mínima probabilidade que explica o seu preço exorbitante, não?

Alex – Que achas?

Clara – Acho que este prémio da lotaria começa a sair-nos caro, Alex. Muito caro...

Negro.

Cena 4

Sempre envolto no seu roupão, Alex está sentado atrás de uma secretária de estilo, com a caneta na mão, com o ar concentrado de um escritor em busca de inspiração. Entra Clara, outra vez carregada com sacos das compras.

Clara – Já voltaste? Normalmente sais às 6, não é?

Alex – Tirei a tarde de folga.

Clara – Ah, sim? Imagino que não tenha sido para me ajudar a trazer os sacos...

Alex – Foste às compras outra vez? Pergunto-me como fazemos para comer tudo isso. Somos só dois, afinal...

Clara – Deve ser porque nem tudo se come. Também há champô, detergente, papel higiénico... Queres a lista completa?

Alex – Confio em ti.

Clara – Obrigada... E tu, passaste um bom dia?

Alex – Pus-me a escrever.

Clara – A escrever?

Alex – Sim.

Clara – A escrever o quê?

Alex – Ainda não sei. Mas uma caneta como esta... Dá vontade de escrever, não achas?

Clara – Sobretudo com uma secretária destas... que nos custou uma fortuna e ocupa metade da sala.

Alex – É verdade que esta sala é um pouco pequena para uma secretária de estilo.

Clara – Mais vale dizer que esta secretária é um pouco grande e um pouco ostentosa para este apartamento pequeno. Foi preciso desmontar as pernas para a fazer passar pela porta.

Alex – Sem falar do elevador...

Clara – Os estafetas tiveram de a subir pelas escadas até ao 18.º andar.

Alex – Por isso é que lhes deixei uma pequena gorjeta.

Clara – Não é todos os dias que têm de subir uma secretária destas até ao último andar de uma torre de habitação social.

Alex – Tens razão... Quanto mais olho para ela, mais percebo que destoa de tudo o resto.

Clara – Ainda vamos a tempo de nos desfazermos dela. Queres que ponha um anúncio no OLX? Uma secretária que talvez tenha pertencido ao avô do Marcel Proust, isso deve revender-se bem... Com um pouco de sorte, ainda tiramos um pequeno lucro...

Alex – Eu pensava mais em mudar de apartamento.

Clara – Mudar de apartamento? Com que dinheiro? Já nos custa bastante pagar a renda deste pardieiro!

Alex – Não sei, mas sinto que estou num momento decisivo da minha vida.

Clara – Porque ganhaste 400 euros na lotaria?

Alex – As coisas vão mudar, tenho a certeza.

Clara – Então acreditas mesmo que basta ter um roupão quase como o do Sacha Guitry, uma secretária que talvez tenha pertencido ao avô do Marcel Proust, e a mesma caneta que usava o Hemingway... para te transformares instantaneamente num grande escritor?

Alex – O que é certo é que não vou continuar a fazer sudokus nela.

Clara – Assustas-me, Alex. Custa-me dizer-te isto, mas... Talvez devesses pensar em consultar alguém, não?

Alex – Porque quero evoluir? Porque já não me contento com esta vidinha rotineira que temos?

Clara – Porque desde que vestiste esse roupão já não és tu mesmo, Alex! Tu próprio o disseste! Tens a sensação de ser outro homem.

Alex – Era só uma maneira de falar...

Clara – Já não te reconheço, Alex... Antes, a nossa vidinha parecia servir-te muito bem. Pergunto-me se esse roupão não estará enfeitiçado...

Alex – Enfeitiçado?

Clara – Ou possuído! Tal como há casas assombradas, porque não haveria roupa assombrada também? Tens a certeza de que esse roupão não pertenceu mesmo ao Sacha Guitry?

Alex – Ora essa... quem delira és tu, querida.

Ela faz-lhe um gesto para conjurar o diabo, cruzando os antebraços.

Clara – Sacha Guitry, sai desse roupão!

Ele olha para ela, estupefacto.

Negro.

Cena 5

Alex continua sentado à sua secretária, mas desta vez está a escrever. Clara chega do trabalho com uma caixa de pizza na mão. Totalmente absorvido na sua escrita, ele não nota a sua presença. Ela observa-o um instante com desconfiança. Finalmente, ele dá por ela e sobressalta-se.

Alex – Assustaste-me...

Clara – Tinhas um ar tão concentrado que não me atrevi a incomodar-te...

Alex – Nem imaginas o quanto dizes a verdade... Estava tão mergulhado nisto... que nem sequer pensei em almoçar.

Clara – Coitadinho... Enquanto eu passava um dia calmo no hospital, entre a minha chefe de serviço histérica e os meus doentes incontinentes.

Alex – Nem te vi entrar. A primeira coisa de que dei conta foi do cheiro da pizza.

Clara – Que delicadeza... E eu a pensar que tinhas sentido a minha falta...

Alex – Quando se tem mesmo fome... Até me pergunto como é que os grandes estilistas ainda não tiveram a ideia de um perfume com cheiro a pizza.

Clara – Tu, de certeza, não pareces em falta de inspiração... O que escreves assim?

Alex – As minhas memórias.

Clara – As tuas memórias? Não te sentes bem?

Alex – Sinto-me muito bem, porquê?

Clara – Não sei, como estás a escrever as tuas memórias...

Alex – Não disse que estava a escrever o meu testamento. Tem calma, não vou morrer já. Não é porque alguém escreve as suas memórias que está a planear morrer em breve...

Clara – Mas costuma ser no fim da vida que se escrevem as memórias, não? Não achas que é um bocado cedo?

Alex – O Chateaubriand começou a escrever as memórias aos quarenta anos. Estava apenas a meio da vida...

Clara – Sim, mas... tu não és o Chateaubriand. Imagino que ele, aos quarenta, já tivesse tido uma vida bem preenchida. O que é que tu tens de interessante para contar? Tiveste uma vida de merda!

Alex – Agradeço-te por mo lembrares. Mas a vida de qualquer pessoa pode ser interessante, sabes? Depende de como se conta.

Clara – Mesmo assim, há limites...

Alex – Podias ao menos fingir que me animas.

Clara – Sim, sim, claro... Estou ansiosa por ler, mas... Também fala de mim?

Alex – Ainda não... Por enquanto é a vida que tive antes de te conhecer.

Clara – Pela forma como o dizes, parece que é a parte mais interessante...

Alex – A minha vida contigo não fez mais do que começar, querida.

Clara – Se tu o dizes...

Ela sai. Ele fica um instante perplexo, depois volta a escrever.

Negro.

Cena 6

Alex continua sentado à sua secretária, sobre a qual se ergue uma pilha de livros. Está a escrever. Entra Clara.

Clara – Chegas cada vez mais cedo.

Alex – Tirei uma semana de férias.

Clara – Não sabia que ainda tinhas tantos dias para gozar. Lembras-te que este verão vamos à Bretanha, a casa do meu irmão...?

Alex – Não corro o risco de me esquecer, lembras-me disso todos os dias.

Clara – Pelo menos não teremos de pagar renda lá. Agora que estouraste o nosso orçamento de férias dos próximos três anos com o teu roupão de luxo, a tua caneta dourada e a tua secretária de estilo.

Alex – O roupão foi com o meu prémio da lotaria.

Clara – E então, tiraste uma semana de licença.

Alex – É preciso encontrar tempo para escrever.

Clara – Já não te chegam as noites?

Alex – À noite estás tu, custa-me concentrar-me.

Clara – Não sei bem como devo interpretar isso. Se é a emoção de voltar a ver-me depois de estares privado da minha presença o dia inteiro, ou o barulho que faço a lavar a loiça e a puxar o autoclismo?

Alex – Um pouco das duas coisas...

Clara – No entanto, até deixei de ver televisão para não te incomodar...

Alex – Por isso é que me pergunto se não seria melhor tirar um ano sabático.

Clara – Queres dizer... um ano de licença sem vencimento?

Alex – Nem tudo na vida é o dinheiro.

Clara – Não, mas ajuda a pagar a renda. Sobretudo se pensas arrendar um apartamento maior e mais condizente com o teu roupão e a tua nova secretária.

Alex – Tens outra solução?

Clara – Podias escrever de noite.

Alex – Já não sou de me deitar tarde, quanto mais agora... Não, tenho as ideias claras de manhã.

Clara – As ideias claras...? Pensa deixar o teu trabalho para te tornares escritor, quando até agora a coisa mais comprida que te vi escrever foi um postal? Tudo porque uma vendedora das Galerias Lafayette te impingiu um roupão completamente antiquado? E a isso chamas ter as ideias claras?

Alex – Porque é que te irritas assim? Também não é como se me tivesse metido nas drogas!

Clara – Pois olha, quase preferia... *(Repara na pilha de livros)* E todos esses livros?

Alex – Comecei a reler os clássicos. Tu também devias fazê-lo. Agora que já não vês televisão...

Clara – Reler os clássicos? É uma piada! O último livro que te vi ler foi o Astérix.

Alex – Digamos ler, então... Voltaire, Rousseau, Diderot... O Século das Luzes.

Clara – Mas acorda, Alex! O Século das Luzes já acabou!

Alex – É uma pena, foi uma época muito mais interessante do que a nossa, e que desembocou na Revolução Francesa.

Clara – Bom, em qualquer caso, tiras esse roupão e preparas-te, porque não sei se te lembras, mas hoje é sábado. Vamos ao churrasco do Kevin e da Jessica esta noite. Já que afinal não está morta...

Alex – Quase preferia que estivesse...

Clara – Desculpa?

Alex – Não, dizia... Cancelei.

Clara – O quê?

Alex – Quero dizer... disse que não íamos.

Clara – Não íamos...? Então agora decides por mim? Podias ter-me pedido a opinião! Até comprei a sobremesa!

Alex – Como me tinhas dito que estavas cansada...

Clara – Mas se és tu quem me cansa, Alex!

Alex – Além disso, um churrasco, entre nós... É coisa de saloios, não? Achas mesmo que os filósofos do Iluminismo se reuniam à volta de um churrasco para refazer o mundo enquanto redigiam a Enciclopédia? Não, eles frequentavam os salões literários...

Clara – Está bem... Pois eu sim vou a esse churrasco de saloios. Servirá de férias para mim.

Alex – Muito bem, eu aproveito para escrever...

Clara – É a tua última palavra?

Alex – Digo-te que odeio churrascos. Além disso, lembro-te que sou vegetariano.

Clara – Tu, vegetariano? Desde quando? Se ontem mesmo comemos uma pizza com fiambre!

Alex – Bom, fiambre não é exatamente carne... E pode-se fazer uma exceção de vez em quando. Mas daí a reunir-se entre amigos para ver assar pedaços de animais mortos...

Clara – Muito bem, então deixo-te aqui com as tuas memórias do bom velho tempo em que ainda não me tinhas conhecido. Mas um dia vais arrepender-te de não ter ido a esse churrasco, Alex, acredita em mim...

Ela sai, furiosa.

Negro.

Cena 7

Alex continua sentado à sua secretária com o roupão, mas desta vez tem um cachimbo na boca. Clara regressa do churrasco, visivelmente um pouco alegre.

Clara – Agora fumas cachimbo?

Alex – Quis experimentar. Pensei que talvez as ideias viessem melhor com algo na boca.

Clara – Precisamente estava a pensar o mesmo enquanto o Kevin me trazia de carro...

Alex – Os escritores costumam fumar cachimbo. Até as mulheres.

Clara – As mulheres?

Alex – A George Sand fumava cachimbo.

Clara – A George Sand era uma mulher?

Alex – O verdadeiro nome dela era Aurore Dupin.

Clara – Vê-se que sabes muitas coisas sobre as mulheres e o cachimbo, pelo que percebo. Mas o teu cachimbo nem sequer está aceso.

Alex – É só para morder qualquer coisa. Mas tens razão, talvez devesse passar-me à ganza.

Clara – À ganza?

Alex – O Baudelaire fumava haxixe, sabias? Fala disso em *Os Paraísos Artificiais*.

Clara – Está bem...

Alex – Isso ajudava-o a encontrar a inspiração... Teria sido o Baudelaire um poeta tão grande se não tivesse fumado haxixe?

Clara – Não me digas que fumas ganza às escondidas...

Alex – Tu, em todo o caso, diria que não chupaste só gelados nesse churrasco, estou enganado?

Clara – Quem sabe... Mas chupar não é propriamente trair, pois não?

Alex – Eu falava apenas de um excesso de bebida, mas se tens mais alguma coisa para me contar...

Ela parece um pouco incomodada.

Clara – Em todo o caso, perguntaram-me porque é que não estavas lá. Não soube o que responder.

Alex – Para ser sincero... tenho a sensação de que toda essa gente que frequentamos não me faz evoluir.

Clara – Não me digas...

Alex – Que me travam na minha evolução, se preferires.

Clara – A tua evolução? Queres dizer a tua ascensão, imagino.

Alex – Antes teria a impressão de que me puxam para baixo, percebes?

Clara – Não me digas...

Alex – Sim... Quando estou com eles, surpreendo-me a rebaixar-me para ficar ao nível deles.

Clara – Lembro-te que esses amigos tão insignificantes para ti também são os meus, Alex. Quando os insultas, também me insultas a mim...

Alex – Não falava de ti, querida. Mas sim, acho que tu também mereces algo melhor do que isso.

Clara – Se continuares a afastar-te dos teus verdadeiros amigos, Alex, acabarás sozinho.

Alex – Às vezes é melhor estar sozinho do que mal acompanhado.

Clara – E com frases tão gastas como essa é que pensas escrever uma obra-prima? Talvez eu também já não seja suficientemente boa para ti...

Alex – Ora essa, eu não disse isso...

Clara – Tem cuidado, Alex. Se pensas que a tua vida era mais apaixonante antes de me conheceres, podia devolver-te a tua liberdade mais depressa do que imaginas... Eu também tive uma vida antes de ti, sabias? Tinha sonhos, como tu. Renunciei a tudo isso, e para quê? *(Com um tom melodramático)* Nem sequer conseguiste dar-me um filho...

Ela sai precipitadamente. Ele fica ali, atónito.

Negro.

Cena 8

Alex está à sua secretária, sobre a qual se acumulam as folhas que foi enchendo de tinta. Entra Clara. Ela parece já ter recuperado da bebedeira.

Clara – Desculpa por ontem à noite, tinha bebido um bocado a mais. Disse só disparates.

Alex – Já esqueci, não te preocupes. Trabalhei toda a noite. Acho que terminei as minhas memórias... Pelo menos a primeira parte...

Clara – Então vais voltar ao teu trabalho?

Alex – Dependerá da receção do meu manuscrito... Se for um sucesso, poderia escrever o segundo tomo...

Ela pega no monte de folhas que ele preencheu à caneta.

Clara – Manuscrito, nunca melhor dito. Já ninguém escreve à caneta de tinta permanente, sabias? Se tivesses de o mandar a um editor, não estou certa de que se desse ao trabalho de decifrar os teus hieróglifos.

Alex – Tens razão... Talvez pudesses dactilografá-lo tu.

Clara – Dactilografá-lo? Mas em que época vives, Alex? Já nem existem máquinas de escrever! E achas-me a tua secretária, ou quê?

Alex – Desculpa, arranjarei alguém que o faça.

Clara – E de que serve escrever à caneta se depois tem de ser dactilografado? Mais vale escrever logo num computador, não achas?

Alex – Sim, mas um computador...

Clara – Não ficaria nada bem com a secretária e o roupão.

Alex – Exato...

Clara – Devias pensar em atualizar-te, Alex... Não tens telemóvel. *(Apontando para o telefone fixo)* Guardaste esse velho telefone do século passado, com o atendedor automático.

Alex – É verdade, acho que não nasci na época certa.

Clara – E qual é, para ti, a época certa? O período do Entre-Guerras, como dizes?

Alex – Porque não? Os Loucos Anos Vinte devem ter sido fantásticos.

Clara – Achas mesmo? Nem todos eram boémios como o Sacha Guitry, sabes? Com um pouco de sorte, terias feito as duas guerras, como o meu bisavô. Se não tivesses morrido na primeira, claro...

Alex – Em todo o caso, acho que sempre sonhei em ser escritor, Clara. Encontrei uma foto minha em criança, sentado à secretária do meu pai, com o cachimbo dele na boca.

Clara – Todo um símbolo... Devias falar disso com um psicólogo...

Ele estende-lhe a foto.

Alex – Toma, vê... É uma foto que nunca mostrei a ninguém...

Ela olha a foto e parece um pouco comovida. Devolve-lha.

Clara – Pois é... Sonhar é muito bonito, mas... é preciso crescer, Alex! Se um dia não quisermos acabar sozinhos debaixo de uma ponte com um litro de vinho... Pelo menos, foi isso que sempre me ensinaram...

Alex – Sei que não é fácil para ti, mas... só se vive uma vez. Durante anos trabalhei atrás do balcão de um banco, a sorrir para os clientes e a repetir os mesmos gestos e as mesmas palavras, dia após dia. Irei até ao fim do meu sonho, Clara. E se falhar, ao menos terei tentado.

Clara – Entretanto, sou eu quem vai trabalhar para pagar a renda e encher o frigorífico. Mas não tenho a certeza de que isso chegue por muito tempo. Porque lembro-te que não é só o roupão que é vermelho. As nossas contas também estão no vermelho.

Alex – Lamento mesmo... mas para mim é uma questão de sobrevivência. Tinha de fazer alguma coisa... para tentar mudar a minha vida.

Clara – Ah, sim? Pois talvez tenha chegado o momento de mudares também de mulher. Que encontres uma que encaixe melhor no teu novo estilo de vida.

Um silêncio.

Alex – Então, dactilografar o manuscrito, é que não...?

Ela pega no manuscrito, furiosa, e sai.

Negro.

Cena 9

Alex continua à sua secretária, mas parece desocupado. O telefone toca. Ele não atende. Entra o atendedor automático.

Voz off – Sim, sou a Jessica. Ligava para saber notícias do Alex. A Clara disse-nos que tinhas tido uma pequena gastro... Espero que estejas melhor. E a Clara, como vai? Acho que ontem à noite abusaste um bocado da sangria, não? Estavas desatada! Nunca te tinha visto assim... Ainda bem que o Kevin te trouxe a casa, senão teria ficado um pouco preocupada. Ah, a propósito, esqueceste a tua mala no carro dele, terás de passar por nossa casa para a ir buscar. Bom, então, repetimos no próximo sábado? Mas com o Alex desta vez. Vá, um beijo para os dois.

Alex nem sequer reage. Entra Clara.

Clara – Estás bem? Tens um ar estranho...

Alex – Não, não, estou bem... Deve ser o *baby blues*...

Clara – O quê...?

Alex – Para um escritor, depois de colocar o ponto final no manuscrito, começa uma etapa difícil, percebes...? Sinto-me um pouco como uma mulher que acabou de dar à luz.

Clara – No entanto, o teu parto não foi muito doloroso, pois não? Confortavelmente sentado atrás da tua secretária com esse magnífico roupão.

Alex – As grandes dores são mudas, dizem.

Clara – Li o manuscrito durante a minha pausa do meio-dia antes de o dactilografar.

Alex – E então?

Clara – Está cheio de erros ortográficos...

Alex – Pois...

Clara – Não há corretor automático na tua caneta Montblanc.

Alex – Desculpa... E além disso...?

Clara – Além disso... está bem.

Alex – Achas mesmo...?

Ela parece de repente muito mais entusiasmada.

Clara – Não consegui largá-lo até o terminar. Nem sequer pensei em comer, eu também.

Alex – Não me dizes isso só para me fazer feliz... pois não?

Clara – Não sabia que tinhas um talento de escrita assim.

Alex – Eu também não, garanto-te...

Clara – Devias apresentá-lo a um editor.

Alex – Sim... Não sei muito bem...

Clara – Vá lá, homem... se escreveste tudo isto, não será para ficar numa gaveta, não é?

Alex – Tenho receio de não estar à altura. Afinal de contas, não passo de um simples empregado de banco.

Clara – Exceto que esse simples empregado de banco, quando veste o seu roupão mágico, transforma-se num génio da literatura.

Alex – Também não exageres, tem de ser credível...

Clara – És um super-herói, Alex! E esse roupão é o teu fato de Super-Homem?

Alex – Achas mesmo...?

Clara – Vou dactilografar este manuscrito... E eu própria trato de o enviar aos editores mais importantes de Paris.

Negro.

Cena 10

Alex está sentado à sua secretária, com ar desocupado, com uma pilha de cartas diante de si. Entra Clara.

Clara – Já passou o correio?

Alex – Aqui está...

Clara – E então?

Alex pega em algumas cartas ao acaso e lê.

Alex – Apesar das numerosas qualidades do seu manuscrito, esta proposta não corresponde à nossa linha editorial... *(Lê outra carta ao acaso)* Lemos o seu manuscrito com interesse, mas infelizmente não se inscreve nas linhas de publicação que desenvolvemos neste momento... Há aí umas dez iguais. Os outros nem sequer se dignaram a responder.

Clara – Nem sequer o leram...

Alex – Como sabes?

Clara – Se o tivessem feito, ao menos ter-se-iam dado ao trabalho de dar uma resposta personalizada.

Alex – Ou leram-no, pelo menos o início, e julgaram que não merecia outra coisa que uma carta-tipo.

Clara – Dizem que a Gallimard rejeitou primeiro o manuscrito do Marcel Proust.

Alex – *Em Busca do Tempo Perdido*... Eu não estou perto de o reencontrar, o tempo que perdi a escrever estas tontices. E também te faço perder o teu tempo a ti...

Clara – Ainda bem que o Proust não desanimou depois desse primeiro fracasso. Publicou o seu romance a expensas próprias... e tornou-se a obra mais célebre da literatura francesa.

Alex – Vê-se que sabes coisas...

Clara levanta o telemóvel.

Clara – Wikipedia! E sabes quem tinha rejeitado o manuscrito do Proust na Gallimard?

Alex – Não...

Clara – O André Gide!

Alex – E então?

Clara – Pois que... os maiores génios são muitas vezes incompreendidos! Sobretudo no início.

Alex – Pois... Ou talvez eu não seja mais que um escritor de fim de semana, e eles perceberam-no perfeitamente. Tinhas razão. A quem poderia interessar a vida de um simples empregado de banco?

Clara – Tu próprio disseste: depende de como se conta! *(Pega num livro ao acaso da secretária, abre-o e lê)* «Durante muito tempo deitei-me cedo. Às vezes, mal apagada a vela, os meus olhos fechavam-se tão depressa que não tinha tempo de me dizer: estou a adormecer...» Mas vamos lá ver, achas mesmo isto mais apaixonante? Compreendo que o Gide também adormecesse a lê-lo...

Alex – É bonito que queiras animar-me, Clara, mas é preciso aceitar a evidência. Nunca serei o Marcel Proust. Nem tu, mesmo que pegasses numa guitarra, te transformarias na Jimi Hendrix em poucas semanas.

Negro.

Cena 11

Alex está sentado numa das poltronas. Já não veste o seu roupão vermelho. Entra Clara.

Clara – O que fizeste ao teu roupão?

Alex – Pus-o à venda no OLX.

Clara – Mas... porque é que fizeste isso?

Alex – Esse maldito roupão foi o que nos levou à beira da ruína! Sem falar da nossa relação... Tens razão, devia estar enfeitiçado...

Clara – Não, mas isso disse eu num momento de raiva...

Alex – Além disso, informei-me... Na verdade fui vítima de um impulso. Conheces o síndrome de Diderot?

Clara – O síndrome de quê?

Alex – Ou o efeito Diderot, se preferires. Ele explica-o num texto publicado em 1769 intitulado *Regrets sur ma vieille robe de chambre*.

Clara – E o que é essa história?

Alex – Um dia o Diderot recebe como presente um magnífico roupão.

Clara – Vermelho, imagino...

Alex – Uma peça confortável e luxuosa, mas que não correspondia de todo ao seu estilo de vida austero de filósofo do Iluminismo.

Clara – E então?

Alex – Começa a pensar que o seu modesto interior não estava à altura desse maldito roupão. Arrastado por uma febre consumista, troca todos os seus pobres móveis por um mobiliário sumptuoso, começa a aburguesar-se e perde a inspiração...

Clara – Sim, mas no teu caso é exatamente o contrário. O Diderot esquece a sua vocação de escritor depois de receber esse roupão. A ti, pelo contrário, esse roupão é que te empurrou, embora tarde, a abraçar a carreira literária.

Alex – Mas para que resultado? Ninguém quer publicar o meu livro, zanguei-me com todos os meus amigos, e estivemos à beira do divórcio.

Clara – Não exageres... Foi só uma chupadela no carro dele para lhe agradecer por me ter trazido a casa. E estava completamente bêbeda...

Alex – Também vou queimar o meu manuscrito.

Clara – Não faças isso, peço-te!

Alex – E porque não?

Clara – Porque... Custa-me admiti-lo, mas tens razão. É verdade que estávamos fechados numa rotina. Esta crise no fim acabou por ser saudável para nós, e talvez seja

isso que salve a nossa relação.

Alex – Sim, mas as crises de adolescência, mesmo que tardias, não levam a lado nenhum. Acabou-se, sossega. Segunda-feira volto ao meu trabalho no banco.

Clara – Como quiseres... Mas eu também já estava a afeiçoar-me a esse roupão. E acho muito estranho ver-te sem ele...

Negro.

Cena 12

Clara está sentada à secretária. Alex regressa, com os braços carregados de sacos das compras. Traz sapatos de cores diferentes.

Alex – Passei pelo supermercado a fazer compras ao voltar do trabalho.

Clara – Estupendo...

Alex – Tudo bem?

Clara – Sim... E tu?

Alex – Bem, a rotina.

Ainda a tentar fazer boa cara, não parece completamente feliz. Clara dá-se conta.

Clara – Tens a certeza de que estás bem?

Alex – Claro! Porque é que não havia de estar...?

Clara – Não sei... Para começar, porque os teus dois sapatos não são da mesma cor...

Alex – Ah, sim, olha, é verdade...

Clara – Passaste o dia inteiro sem te dares conta?

Alex – Sim...

Clara – E ninguém no escritório te chamou a atenção?

Alex – Não, mas é verdade que me olhavam com uma cara estranha...

Clara – Quem sabe... Talvez vás lançar uma moda... Já que não conseguiste pôr de novo o roupão na moda...

Alex – Vou meter os congelados no congelador. Até comprei gelados. E estes não os deixei derreter, acredita. Ainda estão rijos como pedras...

Negro.

Cena 13

Clara está novamente sentada à secretária, a consultar o ecrã de um computador. Entra Alex.

Alex – Afinal parece que gostas desta secretária. O que fazes?

Clara – Tenho de te confessar uma coisa, Alex...

Alex – Não me digas que decidiste pôr-te também a escrever.

Clara – Não, tem calma.

Alex – Se é sobre aquele pequeno deslize com o Kevin, já esqueci, garanto-te. E, francamente, quase prefiro não conhecer os detalhes...

Clara – Não se trata disso, Alex. Estou a falar a sério...

Alex – O quê?

Clara – Depois da recusa do teu manuscrito por parte de todos os editores, decidi publicar o teu texto em autoedição na Amazon.

Alex – E então?

Clara – Na primeira semana, vendemos um.

Alex – De certeza que foi um erro. Um tipo que carregou na tecla errada ao fazer a encomenda.

Clara – Na semana passada vendemos dois.

Alex – Devem ter sido a Jessica e o Kevin... Esse cabrão do Kevin. Bem que me devia uma...

Clara – Há três dias vendemos vinte e três.

Alex – Não sabia que tivéssemos tantos amigos...

Clara – Ontem já íamos em cento e doze...

Alex – Não...?

Clara – E hoje já ultrapassámos os mil.

Alex – Então... o meu livro já é um *best-seller*?

Clara – E tu, um autor de sucesso!

Alex – É incrível... Pensar que podia nunca ter comprado esse roupão...

Clara – Sempre acreditei em ti, Alex.

Alex – Obrigado, querida. Mas já sabes o que se diz: atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher.

Clara – Mas não demasiado grande, para não correr o risco de lhe fazer sombra.

Alex – Seguramente por isso é que os homens raramente escolhem uma mulher mais alta do que eles. Ou então, são eles que começam a usar saltos altos...

Toca o telefone. Clara atende.

Clara – Estou...? Sim... Sim, claro... Sim, passo-lhe já... *(Mais baixo, para Alex)* Editorial Por Debaixo da Mesa... Viram que as vendas do teu livro na Amazon estão a disparar, e querem que lhes envies o manuscrito...

Alex – Desta vez sim é que tenho a impressão de termos ganho a lotaria!

Negro.

Cena 14

Alex e Clara estão sentados, cada um numa poltrona, com uma taça de champanhe na mão. A garrafa repousa sobre a secretária, num balde de gelo.

Clara – Tens razão, Alex. Este apartamento já não corresponde de todo ao nosso estilo de vida.

Alex – Na verdade, pergunto-me se não seria melhor deixares também o teu trabalho.

Clara – Agora que escreves no computador, já não precisas de mim para dactilografar os teus manuscritos.

Alex – Se realmente sou um autor de sucesso, vou precisar de um agente...

Clara – Tenho outra ideia em mente...

Alex – Em qualquer caso, vou ter de encontrar um tema para o meu novo livro. Não vai ser fácil...

Clara – Sobretudo porque fizeste tudo um pouco ao contrário.

Alex – Ao contrário?

Clara – Começaste por escrever as tuas memórias...

Alex – Não posso passar a vida a contá-la, isso é certo.

Clara – Pois sim... Vais ter de começar a interessar-te também pela vida dos outros.

Alex – Os outros? Queres dizer... o Kevin e a Jessica, por exemplo?

Clara – E porque não?

Alex – É verdade que, no estilo deles, são mesmo um caso.

Clara – Um churrasco podia dar tema para uma boa peça de teatro.

Alex – Uma comédia de enganos ou uma tragédia?

Clara – Depende de como acabar, imagino...

Alex – Infelizmente, desde que já não tenho aquele roupão, perdi a inspiração.

Clara – Não te preocupes... Tenho uma surpresa para ti...

Ela sai e volta com o roupão.

Alex – Compraste outro igual? A vendedora disse-me que era o último...

Clara – É o teu. Voltei a comprá-lo no OLX.

Alex – Já me parecia estranho ter encontrado um pateta a quem o impingir. Mesmo a metade do preço. Então eras tu?

Clara – Se realmente foi graças a esse roupão que escreveste o teu primeiro *best-seller*...

Alex – A propósito, como vão as vendas?

Clara – Infelizmente, ontem baixaram para doze exemplares.

Alex – Bolas, merda...

Clara – Talvez seja só uma turbulência passageira...

Alex – Ou talvez se tenham apercebido de que sou um impostor...

Clara – É verdade que o título podia dar lugar a confusão.

Alex – *O roupão de Diderot.*

Clara – Terão pensado que se tratava de um inédito do Diderot, cujo título era *O roupão.*

Alex – Sim, talvez nos tenhamos entusiasmado demasiado depressa...

Clara – Ainda bem que ainda não devolvemos as chaves do apartamento.

Alex – E que tu ainda não apresentaste a tua demissão no hospital.

Clara – Apresentei-a ontem. Mas não faz mal, já encontrei trabalho numa clínica. Vão pagar-me o dobro!

Alex – Então eu não preciso de voltar ao banco!

Clara – A meio tempo, talvez...

Toca o telefone. Alex atende.

Alex – Estou...? Ah, olá Jessica... Sim... Não... Está bem... Sim, sim, digo-lho... Está bem... Não, não... Adeus, Jessica...

Clara – Era a Jessica?

Alex – Sim... Ao passar o aspirador no carro do Kevin, encontrou um sutiã debaixo do banco de trás.

Clara – Ah, sim...?

Alex – Perguntava-se se não seria teu...

Negro.

Cena 15

Alex está sentado à sua secretária, a escrever. Volta a vestir o seu roupão. Clara entra com um grande sorriso.

Clara – Puseste-te a escrever outra vez...

Alex – Mais ou menos...

Clara – Encontraste uma nova ideia para o teu próximo romance?

Alex – Estou a fazer um crucigrama...

Clara – Ah... De volta à casa de partida, então...

Alex – Antes fazia sudokus...

Clara – Tens razão, dos sudokus aos crucigramas... Pode dizer-se que subiste um degrau.

Alex – Era um homem de números, tornei-me um homem de letras. E tu? Pareces bem-disposta... As vendas do meu livro voltaram a subir?

Clara – Não, mas eu também joguei na lotaria.

Alex – E...?

Clara – Ganhei!

Alex – O prémio grande?

Clara – Dois euros.

Alex – Isso é o que custa a aposta!

Clara – Preferi vê-lo como um sinal do destino. Por isso decidi dar-me também um capricho.

Alex – Mais gelados? Espero que desta vez não se tenham derretido nos joelhos...

Clara – Não, não são gelados...

Alex – Ah, não? Então o quê?

Clara – Surpresa!

Ela sai e volta com um estojo de guitarra.

Alex – O que é isso?

Clara – Nunca vais adivinhar...

Alex – Uma metralhadora?

Ela abre o estojo e tira de lá uma guitarra elétrica.

Clara – Uma guitarra!

Alex – Não sabia que tocavas guitarra...

Clara – Não toco... Ainda. Mas sempre sonhei fazê-lo.

Alex – Ah, sim? Nunca me tinhas dito.

Clara – Eu também tenho o meu jardim secreto, sabes...?

Alex – O início de uma grande carreira para ti também, então...?

Ela começa a tocar com frenesi. A banda sonora solta uns acordes estridentes... e depois um solo vertiginoso ao estilo Hendrix.

Ele olha para ela, atónito.

Negro

Fim

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comedias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).
É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos
Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2
A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4
Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6
Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)
Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :
https://comediatheque.net

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-361-3

Documento para download gratuito